



Notas sobre o amargo da língua política: eleições municipais cuiabanas 2004

Roberto Leiser Baronas²
UNEMAT/UFMT-MEL

Que cegueira, que surdez, que densidade de ideologia teriam o poder de me impedir de me interessar pelo assunto [*discurso político*], sem dúvida o mais crucial da nossa existência, quer dizer, a sociedade na qual vivemos, as relações econômicas nas quais ela funciona e o sistema que define as formas regulares, as permissões e as interdições que regem regularmente nossa conduta? A essência de nossa vida é feita, afinal, do funcionamento do [*discurso*] político da sociedade na qual nos encontramos.

Michel Foucault

RESUMO: Neste ensaio, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da *Análise do Discurso de orientação franco-brasileira*, tomando como corpus matérias veiculadas pelos jornais impressos mato-grossenses – A Gazeta e Diário de Cuiabá – durante o segundo turno das eleições municipais cuiabanas de 2004, asseveramos o discurso político ao ser capturado pela mídia e, por essa razão, colocado na lógica capitalista do *time is money*, e na ordem discursiva da conversacionalização democrática se transformou num produto espetacularizado e sloganizado.

PALAVRAS – CHAVE: Discurso Político; Mídia; Memória Discursiva; Acontecimento Discursivo; Interpretação.

RÉSUMÉ: Dans cet article, avec base dans les présupposés théorique-methodologique d'Analyse du Discours d'orientation franco-brésilienne a partir d'un corpus constituée par les matières veiculées par les medias du Mato Grosso - A Gazeta et Diário de Cuiabá – pendant le deuxième tour des élections de 2004, nous affirmons que le discours politique s'a transformé dans un produit espetacularisée et sloganisée.

MOTS – CLÉS: Discours Politique; Media; Memoire Discursive; Évènement Discursive; Interpretation.

0) Primeiras palavras: o efeito Enéias

Na contemporaneidade, nos seus mais diversos suportes, por mais que a mídia assevere uma postura de objetividade, de imparcialidade, de neutralidade a sua atuação é inegável, principalmente, nas situações em que ocorrem a tomada de decisões políticas. Há na atualidade um entrelaçamento entre a mídia e os mais diversos acontecimentos políticos. Nesse sentido, a mídia pode, por um lado, agenciar sentidos que serão retomados posteriormente pelos (e)leitores ou por outro, possibilitar determinados direcionamentos de sentidos que irão enformar a opinião pública.

Neste artigo, a partir de uma modesta e despreziosa análise do funcionamento discursivo da apropriação que a mídia impressa mato-grossense fez da fala pública dos dois candidatos a prefeito de Cuiabá - Alexandre César do Partido dos Trabalhadores e Wilson Santos do Partido da Social Democracia do Brasil -, veiculadas, especificamente pelos jornais *Diário de Cuiabá* e *A Gazeta*, durante o horário eleitoral "gratuito", no mês de outubro passado, asseveramos que o discurso político ao ser capturado pela mídia e, por essa razão, colocado na lógica capitalista do *time is money*, e na ordem discursiva da conversacionalização democrática, transformou-

¹ Como bons "ladrões de palavras", tomamos de empréstimo esse sintagma da música *Gitã* do imortal Raul Seixas.

² Roberto Leiser Baronas é professor de Linguística na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT- Campus de Alto Araguaia, doutor em Linguística pela FCL/UNESP – Car/Université de Paris XII, coordenador do GEDIP – Grupo de Estudos Discursivos do Pantanal, Professor Visitante no Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e organizador do livro *Identidade Cultural e Linguagem, Pontes/Unemat Editora, 2004. Pesquisador da Fapemat.*



se num produto espetacularizado³ e sloganizado⁴, deformando completamente seus princípios norteadores que eram o de debate de idéias e o de não-identificação entre a autoridade pessoal privada e o poder impessoal público do governante.

Para constatar a assertiva anterior, basta que nos lembremos dos discursos políticos de Fidel Castro em Cuba e como são considerados, pela grande mídia ocidental, justamente pela sua longa duração, por sua retórica artesanalmente trabalhada, como mais um dos pontos turísticos a serem conhecidos pelos visitantes. No entanto, essa fala pública de Fidel Castro no imaginário ocidental capitalista é vista diferentemente de um patrimônio histórico de Havana, por exemplo, pois enquanto este simboliza a lembrança da história do povo cubano, aquele significa o atraso da eloqüência clássica e por extensão do socialismo, motivo para as mais variadas enunciações derrisórias. Creio que as enunciações derrisórias ao discurso de Fidel Castro sejam mais um dos indícios de que a política se transformou num mercado e o cidadão/eleitor num consumidor.

Pelas páginas, lentes e ondas sonoras da mídia, não mais direita, esquerda ou centro como outrora, não mais o moderno e o retrógrado como até bem pouco tempo atrás, mas o simulacro do candidato que sabe e o do que não sabe fazer nos dias atuais, ambos alinhados num discurso quase liberal com base numa nova estrutura lingüística, constituída a partir de fórmulas e jargões; nos termos de Régis Debray “a língua de madeira”⁵.

A longa retórica dos discursos políticos tradicionais, a bela eloqüência artesanalmente

talhada e ornamentada pelos oradores com o objetivo de convencer e/ou persuadir seu auditório, é sumariamente banida por essa lacônica, impessoal “língua de madeira”, ou pelo efeito Enéas, em nossos termos, produto do pragmatismo da vida moderna: uma espécie de língua breve, básica, vazia, um flash enunciativo com gramática e semântica próprias, “realizando ao mesmo tempo a comunicação e a não-comunicação” (PÊCHEUX, 1982): *Quem ama Cuiabá, vota Alexandre César; Wilson Santos, tempos modernos para Cuiabá...*

Transformada em ferramenta, inicialmente pelos marqueteiros e depois ressignificada pela mídia mato-grossense, essa nefasta “língua de madeira” não permite o diálogo, a réplica, pois “ela não tem alhures; não podemos aplicar-lhe uma transformação negativa ou interrogativa”, isto é, ao ser discursivizada, essa língua constrói um discurso auto-protetor não oferecendo margens à interpretação e sim somente à repetição. Desse modo, “ao repetir o que todos sabem, permite calar o que cada um entende sem o confessar” (PÊCHEUX, 1982). Será que finalmente a religião do sentido único conseguiu o direito de perenizar a sua cidadania, possibilitando a emergência de uma espécie de ortopedia da leitura, tendendo a formar uma prótese para um pensamento político deficiente?

Qual a explicação para essa lacunaridade discursiva auto-protetora, para esse vazio discursivo textualizado no político? Falta de propostas dos candidatos? Falta de tempo dos eleitores? Penso que a resposta não seja tão simples assim. Aposto minhas fichas numa outra bem mais complexa. Vivemos no momento das

³ *Livrentemente, derivamos esse termo do pensamento de Guy Debord (1991), o qual, a partir de uma análise da sociedade ocidental atual, defende que esta tenha se transformado numa sociedade do espetáculo. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação”.*

⁴ *Esse termo deriva dos trabalhos de Lexicometria do Laboratório de Saint Cloud na França e designa “o conjunto dos momentos em que o discurso retorna sobre si mesmo e pratica o já-dito, endurecendo-se assim em martelamentos verbais que se constituem como a expressão primária da mensagem a produzir”.* (MAINGUENEAU & CHARAUDEAU, 2003)

⁵ *Esta expressão Michel Pêcheux (1980) toma de empréstimo de Régis Débray quando este ao analisar como o poder feudal se utiliza de determinadas estratégias para alargar ainda mais o “fosso entre os senhores feudais, o clero e a multidão dos laicos”, nos diz que “as necessidades da administração reestabelecem o uso da escrita. O latim é restaurado como instrumento de comunicação ‘internacional’, comum à Igreja e à chancelaria. Os reis e os príncipes serão os únicos com os clérigos, que poderão aprendê-lo. As falas vernaculares se convertem em ‘línguas vulgares’, que abandonadas ao povo demarcam dirigentes e dirigidos. O latim seria assim a ‘língua de madeira’ da ideologia feudal, realizando ao mesmo tempo a comunicação e a não-comunicação”.* (grifos nossos)

“coisas-a-saber”, no qual todas as nossas práticas, discursivas ou não, são racionalizadas, colocadas sob a égide da “forma-dinheiro” e ligadas às leis fetichistas da produção de mercadorias. Assim, cada fala pública dos candidatos veiculada pela mídia é rigorosamente calculada e fetichizada como qualquer outra mercadoria para o mercado.

Embora o tempo no ar de cada postulante ao cargo de prefeito de Cuiabá seja o mesmo, dez minutos para cada um, os candidatos apareceram meteoricamente nos microfones e nas telas. Eles ofereceram seus discursos, frases pequenas, uma fala política cambiável, porções enunciativas lacunares, intercaladas por imagens, ou jingles que reforçam ainda mais sua brevidade, seus nomes foram transformados em marcas, que foram reescritas em números, ousaria dizer que é o nome do número que equivale a uma marca: 13; 45; tal qual um garoto ou uma garota propaganda vendendo a possibilidade de um acesso não a um bem de consumo, mas a um valor socialmente aceito em forma de subjetivação: *Se você não muda, Cuiabá não muda; Jogo limpo com o eleitor...*

Diante desses flashes enunciativos não precisamos ser estudiosos da linguagem para perguntar: por um lado, o que significa concretamente amar Cuiabá? Em que medida os que amam ou não Cuiabá serão beneficiados? E por outro, tempos modernos para quem? quando? e assim por diante. Contudo, antes mesmo que pudéssemos nos dar conta desses vazios de sentido, essa *memória sem memória* toma conta de nossa memória. Como sair dessa lacunaridade discursiva auto-protetora e debater propostas reais, concretas? Não há tempo para dizer, pois o tempo midiático é cronometrado monetariamente e essa ordem discursiva não permite a tensividade.

1) A banalização das idéias políticas: o divertimento televisivo

A inserção da política na lógica da comunicação comercial – a de mensagens breves, simples e “dialogadas” – produz como um de seus principais efeitos o apagamento do debate político. Temas de extrema relevância para a população –

saúde, educação, transporte coletivo, habitação, segurança – são tratados no mesmo estilo de uma conversa informal em que há um total apagamento das condições históricas de sua aparição. Vejamos a notícia veiculada pelo jornal *Diário de Cuiabá* em outubro passado acerca do último debate entre os dois candidatos: Alexandre César e Wilson Santos⁶.

O título da matéria enuncia *Candidatos diferenciam propostas*. Contudo, já no primeiro parágrafo o sujeito enunciadador jornalista argumenta na direção contrária do título: [os candidatos] *tentaram diferenciar os planos de governo. Porém, há muita semelhança. Tanto César quanto Santos afirmaram que existem órgãos com as mesmas atribuições dentro da prefeitura e que, portanto, haverá necessidade de enxugamento*. O uso do verbo “tentar”, reescrito em “tentaram”, modalizando o verbo “diferenciar” e do operador argumentativo “porém”, reorientam o sentido que fora sugerido pelo enunciado do título. Com essa reorientação argumentativa, o sujeito enunciadador produz um apagamento das condições históricas que possibilitaram a irrupção das duas propostas. O sujeito enunciadador não explicita, por exemplo, o que cada um dos candidatos compreende por “enxugamento”.

Nos três parágrafos seguintes, o enunciadador diz o seu entendimento sobre o que cada um dos candidatos propõe acerca dos problemas de abastecimento de água, poluição, transporte coletivo e educação. Esses dizeres do sujeito enunciadador, contudo são intercalados por falas dos próprios candidatos, ora em discurso direto, ora em discurso indireto. Com isso, produz-se um efeito de veracidade acerca do está sendo enunciado e, também o apagamento da posição enunciativa intermediária da qual o sujeito enunciadador fala. Ou seja, o enunciadador projeta na sua fala a imagem de um observador neutro, marcando a diferença em relação ao que é falado pelos candidatos, podendo dessa maneira sutilmente emitir opiniões acerca do que foi falado. *Os candidatos também falaram de suas propostas para a melhoria na coleta de lixo, pavimentação asfáltica, áreas de lazer entre outros temas*. O uso do advérbio “também” e do termo “melhoria”

⁶ Cf. anexo 1.



reforçam ainda mais o discurso da identificação entre as propostas dos dois candidatos.

No quinto parágrafo, o sujeito enunciador diz: *Apesar de defenderem um debate propositivo foram registrados momentos de exaltação.* O uso do operador argumentativo “apesar de” derruba o suposto argumento dos candidatos que defendia o debate propositivo, bem como o uso do verbo “defender” na terceira pessoa do plural, reescrito em “defenderem” indetermina o(s) agente(s) do debate propositivo. Para evidenciar a existência de *momentos de exaltação*, o sujeito enunciador diz que *Alexandre César aproveitou para responder às críticas feitas por Santos em seu horário eleitoral quando este criticou o governo Lula. ‘Não tenho sangue de barata e a honra da minha família foi atingida. Isso é inconcebível’, exaltou-se Alexandre.* Ao comentar sobre as críticas que Alexandre César fez ao candidato Wilson Santos, o sujeito enunciador as textualiza como estritamente direcionadas ao governo Lula. Apaga-se aí a suposta denúncia do aposentado Cândido de Jesus, na qual Alexandre César teria tomado o imóvel do aposentado, apresentada dias anteriores no programa eleitoral do candidato Wilson Santos. Esse apagamento desloca a crítica do candidato Alexandre César para o campo do *non sens*, do ridículo, ou seja, as críticas direcionadas ao governo Lula seriam entendidas como críticas à família do próprio candidato. À medida que o sujeito enunciador intercala seu dizer com a fala do candidato Alexandre César: *Ele também respondeu duramente Wilson quanto este disse que Lula mentiu ao dizer antes das eleições que não iria taxar aposentados e pensionistas e o fez após eleito. ‘É mais uma mentira dele (Wilson), assim como fez durante todo o processo eleitoral. Ele não tem amor pela verdade,’ disse o petista,* reforça por um lado a asserção de que o candidato Wilson Santos teria criticado somente o governo Lula e, por outro, que Alexandre César estaria indo contra uma evidência: o fato de o governo Lula ter taxado aposentados e pensionistas após as eleições presidenciais. Mais uma vez, a crítica deste candidato se inscreveria no ridículo. O uso do parêntese explicativo intercalado à fala de Alexandre César evidencia que o sujeito enunciador age explicitando para os seus leitores aquilo sobre o que fala.

O sujeito enunciador finaliza a matéria reiterando o estilo exaltado com que o candidato Alexandre César conduziu o debate: *Alexandre o*

chamou de arrogante e que os discursos dos candidatos se inscrevem numa mesma ordem discursiva: *Nas considerações finais ambos fizeram agradecimentos à família, aos militantes e à Deus.* Há, contudo ainda um ponto a ressaltar. O uso derrisório que o sujeito enunciador produz ao trazer as falas do candidato Wilson Santos: *Não fui eu que tive cortes em meu programa eleitoral ... e, com o PFL, com Roberto França e com Bezerra não há como fazer mudanças. São todos caciques.* Com essas falas, descaracteriza-se as críticas que Alexandre César fez à maneira como Wilson Santos conduziu seu programa eleitoral, bem como o apoio que o candidato petista recebeu de alguns políticos do Estado.

Todas as estratégias discursivas anteriormente apontadas indiciam que o discurso jornalístico impresso sobre o político atua “à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária” (MARIANI, 1998). Dito de outro modo, esse tipo de discurso mascara a sua interpretação em nome de fatos que falam por si. Trata-se na verdade de um conjunto de enunciados não logicamente estabilizados – ambíguos, suscetíveis de interpretação – que são deslocados pela mídia para o campo dos enunciados logicamente estabilizados – desambigüizados, não passíveis de interpretação. Nesse processo de desambigüização dos sentidos operado pela mídia, o debate de idéias é minimizado em favor de uma maximização da espetacularização de determinados fatos do cotidiano. Com isso, há uma perversão da democracia, na qual confunde-se gêneros em que a política perigosamente se deteriora em “uma teatralidade mercantil” (COURTINE, 2003, p. 31)

2) A conversação espetáculo: o privado torna-se público

Uma das características mais marcantes do discurso político na Antigüidade Clássica é que fazia uma demarcação bastante nítida entre o que fazia uma demarcação bastante nítida entre o que competia a autoridade pessoal privada do chefe de família – senhorio patriarcal e patrimonial – e o poder impessoal público, pertencente à coletividade. Entretanto, no discurso político atual enformado pela mídia, cada movimento do corpo, cada gesto, cada olhar, cada fala dos candidatos é aprisionada pelo seu *olhar-leitor-mercado*, espetacularizada e calculada, espalhando-se assim as diferenças entre o público e o privado.

O dispositivo, que permite essa vigilância surda, minuciosa e espetacularizante converteu, desse modo, “a vida privada em uma superfície de leitura: o corpo social tornou-se um texto e o corpo de cada sujeito, um sinal em que uma leitura ortopédica atenta espreita os desvios mais sutis: a escapulidade de uma palavra, a sombra de uma dúvida, a passagem de um problema, a bruma de uma emoção” (COURTINE, 1990).

Do gosto literário, culinário, passando pelas preferências sexuais, às falas. Nada, nem ninguém escapa desse olhar midiático invisível e onividente que (n)os controla contínua e meticulosamente, que espia e detalha cada um de(nós)les. O que era privado torna-se público e que era público torna-se privado. No caso específico de nossa análise, tomemos inicialmente a “denúncia” dos aposentados Cândido Ferreira da Cruz e Terezinha de Jesus Amorim Cândido, apresentada pelo candidato Wilson Santos durante o seu programa eleitoral.

O jornal *A Gazeta*⁷ publicado em outubro passado trouxe os seguintes enunciados: *Idoso acusa Alexandre de tentar tomar seu imóvel; denúncia é levada ao ar no horário eleitoral; imóvel foi adquirido por Cândido em 1981 do pai do candidato.* Ao lado desses enunciados verbais, encontra-se uma fotografia que captura o aposentado Cândido durante suas declarações no horário eleitoral televisivo da noite anterior, juntamente com outro enunciado: *Cândido e Terezinha quase perderam o imóvel.* Todos esses enunciados fornecem ao leitor uma rota de interpretação: estabelecendo uma relação de litígio entre um idoso – historicamente visto na nossa sociedade como um indivíduo que está em desvantagem em relação a outro mais jovem – e um indivíduo que é uma autoridade, pois o nome Alexandre César evoca além da candidatura à prefeitura a função que esse indivíduo exerce na sociedade – procurador - o que apela para uma memória de piedade do leitor; o aposentado é colocado como agente da ação e não como fazendo parte de um programa eleitoral; a fala do aposentado é ressignificada como denúncia; quando o sujeito enunciador cita que a fala do aposentado faz parte do programa eleitoral, esta é colocada na voz passiva, o que produz uma indeterminação do sujeito: *denúncia é levada ao*

ar no horário eleitoral; o enunciador traz uma informação nova em forma de asserção: *imóvel foi adquirido por Cândido em 1981 do pai do candidato*, o que produz um efeito de veracidade ao que está sendo enunciado; há aí uma nova designação para Alexandre: *candidato*; o enunciado visual ratifica o efeito de verdade do que está sendo dito e a legenda *Cândido e Terezinha quase perderam o imóvel* apela mais uma vez para a memória da piedade do leitor, produzida com base na moral judaico-cristã na qual se inscreve a nossa sociedade ocidental.

Ao longo do texto o sujeito enunciador intercala o seu discurso com o discurso do aposentado, é o que acontece, por exemplo, no segundo parágrafo: *De acordo com o aposentado Cândido Ferreira da Cruz e a sua esposa Terezinha de Jesus Amorim da Cruz a residência foi negociada em 1981 diretamente com o juiz. A prova do negócio seria um contrato de compra e venda elaborado pela empresa Solares Empreendimentos Imobiliários. Com o falecimento de Antônio Humberto, no entanto, Alexandre César começou a reivindicar a casa. Cândido acusa ainda o prefeitável de agir com truculência no caso.* Há aqui um procedimento de intercalação do discurso do jornalista e do discurso de um outro sujeito. Tal procedimento conhecido na Análise do Discurso como heterogeneidade mostrada: uma situação enunciativa em que o “eu” do discurso negocia com um “outro” para delimitar o discurso desse “eu”. Essa negociação, contudo se dá em três dimensões: primeira, o “eu” negocia escondendo-se atrás da fala do “outro”: *A prova do negócio seria um contrato de compra e venda.* O verbo *ser* reescrito em terceira pessoa do singular no futuro do pretérito evidencia esse mascaramento enunciativo, segunda, o “eu” assume a responsabilidade pelo que diz: *Com o falecimento de Antônio Humberto, no entanto, Alexandre César começou a reivindicar a casa* e, por último, mais uma vez o “eu” se desresponsabiliza pelo que diz *Cândido acusa ainda o prefeitável de agir com truculência no caso.*

O procedimento enunciativo do sujeito enunciador que ora se responsabiliza e ora se desresponsabiliza pelo que diz cria um efeito de

⁷ Cf. anexo 2.



que os fatos falam por si, deixando no esquecimento todo o processo histórico no qual esses fatos foram produzidos. Ou seja, apaga-se o fato de esse discurso ter sido produzido numa situação enunciativa bastante particular, que era a propaganda política do candidato Wilson Santos. O que era eminentemente da esfera privada da família do candidato Alexandre César é trazido para a esfera do público e, alçado à condição de um tema digno de debate político. “Passa-se de uma política do texto, veículo do debate de idéias, para uma política da aparência geradora de emoções” (COURTINE, 2003, p. 25)

3) O apagamento do aparelho político: a construção do *éthos* funcional do orador

Tanto na Antigüidade Clássica quanto na Revolução Francesa ficava claramente demarcada a tendência ideológica, identitária ou temática na qual determinado discurso se filiava. Nesses períodos, era possível perceber com certa precisão os limites entre um discurso político e outro. O orador era uma espécie de suporte do discurso político de um determinado aparelho. O importante não era destacar quem articulava o discurso, mas demarcar em que um discurso se diferenciava de outro. Demarcação que não se restringia apenas às escolhas lexicais, mas principalmente a ordens discursivas distintas. Aquilo que podia e devia ser dito passava por princípios de controle e delimitação efetivamente institucionais. Entre o discurso e a instituição existia uma espécie de relação especular.

Atualmente, os princípios de controle e rarefação dos discursos são outros, o que produz uma outra ordem discursiva. A especularidade entre a instituição e seu discurso estilhaça-se. O orador de mero suporte nos períodos anteriores foi transformado no grande protagonista. O que conta é um desempenho mais teatral do orador. Seu corpo, seus gestos, sua profissão significam muito mais do que a sua própria fala. O sorriso no rosto, o olhar penetrante, a posição das mãos, a maneira de se sentar são objetos que significam determinados padrões de comportamento socialmente aceitos. Mais do que nunca a metáfora

medieval: *o rosto é espelho da alma* é atualizada e extremamente explorada pela mídia.

Na matéria veiculada pelo jornal *Diário de Cuiabá*⁸ em outubro passado é possível evidenciar alguns dos indícios enunciados acima: O próprio título da matéria fornece uma pista do apagamento do ideológico em favor do pessoal. *Candidatos trocam ataques por referência pessoal*. A intimidade do candidato se dissemina numa espécie de política da vida privada. [Alexandre César e Wilson Santos] *reafirmaram a figura de bons moços preparados para o comando da capital*. O verbo “reafirmar” reescrito em terceira pessoa do plural “reafirmaram” atualiza a memória discursiva do (e)leitor irrompida no início do programa eleitoral dos dois candidatos na qual construíram o *ethos* do pai de família responsável, bom marido, trabalhador, honesto, cristão, enfim um conjunto de valores que estão no verdadeiro de nossa época.

Assim como o corpo, também a função que o candidato exerce na sociedade torna-se objeto de manipulação simbólica pela mídia. Ou seja, contribui na maneira de os (e)leitores se subjetivarem. *Buscou-se apresentar novamente ao eleitor quem é o candidato Wilson Santos, sua experiência em gestão pública, e sua formação educacional com destaque para a sua atuação como professor; ... o procurador Alexandre César agradeceu publicamente a participação do irmão Antônio Humberto na campanha. Assim como no primeiro programa eleitoral da campanha do primeiro turno, recorreu aos valores familiares*. Nos dois segmentos de texto é possível evidenciar recursos lingüísticos – “apresentar novamente” e “assim como” - que atualizam a memória discursiva do (e)leitor no tocante à função que os candidatos desempenham na sociedade.

Essa atualização da memória discursiva projeta a imagem de candidatos preparados para os cargos que irão exercer. Ou seja, suas profissões, embora valoradas distintamente na nossa sociedade, os credenciam para realizar aquilo que a população espera em termos de saúde, educação, transporte coletivo, segurança, moradia entre outras. No entanto, a maneira como o sujeito enunciativo discursiviza as qualidades profissionais do candidato Wilson Santos: *sua experiên-*

⁸ Cf. anexo 3.

cia em gestão pública, e sua formação educacional com destaque para a sua atuação como professor atribui a ele uma espécie de poder pastoral: “cujo objetivo final é assegurar a salvação individual no outro mundo, não é simplesmente uma forma de poder que ordena [que zela pelo cumprimento das leis, defendendo o Estado, como é função de um procurador], mas que, está pronto a sacrificar-se pela vida e salvação do rebanho. Nesse contexto, a palavra salvação tem diversos significados: saúde, bem-estar, segurança...”, (FOUCAULT, 1995, p. 237-8).

A construção desse *éthos* funcional do orador pela mídia também se inscreve na ideologia ocidental cristã que fornece alguns índices a partir dos quais os (e)leitores produzem determinados gestos de interpretação.

4) (In)conclusões preliminares

Penso que o mais perverso em todo esse processo de transformação do discurso político em um produto *espetacularizado* e *sloganizado*, operado pela mídia nos seus mais diversos suportes, seja o fato submeter o discurso político à mesma selvageria do capitalismo moderno. Há uma completa neutralização de valores éticos e morais. Trata-se de uma espécie de esvaziamento da metáfora: os *fins justificam os meios*. Com isso, produz-se uma naturalização desse tipo de prática na nossa sociedade. Esvaziamento este que pode ser exemplificado pelo deslizamento de sentidos de eleições para guerra eleitoral.

Entretanto, seria a mídia a grande vilã desse apagamento do político, este entendido como disputa, relação de forças, no discurso político atual. Em que medida, a mídia não estaria de alguma forma concretizando o que está latente na sociedade. Em outros termos, não estaria na sociedade esse desejo de transformação da disputa eleitoral numa verdadeira guerra. Desejo que validaria então a interpretação que a mídia produz do discurso político atual.

O filósofo francês Jacques Rancière recentemente publicou um artigo no Caderno *Mais da Folha de S. Paulo*, intitulado *As novas razões da mentira*, no qual discute um acontecimento discursivo que pode nos fornecer algumas pistas para tentar responder às questões anteriormente levantadas. Trata-se de um episódio no qual uma jovem que viajava com seu bebê num trem do subúrbio de Paris fora assaltada e brutalizada por

um grupo de jovens magrebinos e negros, constatando ao roubarem seus documentos, que a jovem nascera nos bairros ricos da capital francesa e que era judia. Entretanto, nenhum dos passageiros do trem interveio para defender a jovem e seu bebê, nem sequer para simplesmente puxar o sinal de alarme. Em 48 horas viram-se multiplicar as declarações de responsáveis políticos e os comentários dos jornais. Mais do que a agressão à jovem, era a passividade dos passageiros que causava indignação. Dois dias mais tarde ficou-se sabendo que todo o caso fora simplesmente forjado. A jovem quisera chamar a atenção para si de um companheiro pouco sensível aos seus problemas.

A explicação de Rancière para a mentira da jovem Marie-Léonie não está no fato de a mídia tornar equivalentes a realidade e o seu simulacro e que os acontecimentos não tem mais necessidade de existir de verdade porque a imagem existiria sem eles. Trata-se, na verdade, de uma necessidade de acontecimentos, mesmo falsos, porque suas interpretações já estão aí, porque elas preexistem e chamam esses acontecimentos. É preciso que sempre haja acontecimento para que a máquina midiática funcione. Mas isso não quer dizer apenas que é preciso o sensacional para vender notícias. Não basta simplesmente noticiar. É preciso fornecer material à máquina interpretativa. Acontecimentos que atraem uma interpretação, mas uma interpretação que já está aí antes deles.

Acredito que a argumentação de Rancière não isente a mídia do seu papel de agenciadora e formuladora de interpretações e muito menos das conseqüências desastrosas desse processo. Trata-se de pensar a mídia como uma enformadora das interpretações que estão latentes na nossa sociedade. No caso específico do discurso político, penso que dentre as condições históricas que possibilitam a sua aparição esteja uma espécie de democratização às avessas que já se legitimou no verdadeiro da época nos dias atuais em nossa sociedade. Dito de outro modo, o discurso político atual se constitui a partir de uma matriz de conversacionalização democrática, que simula uma simetria e uma informalidade e que foram deslocadas da esfera privada para as mais diversas esferas públicas.

Aceito para publicação em 25/02/2005.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GAZETA. Cuiabá, edição de 14 de outubro de 2004.

BONNAFOUS, Simone. Sobre o bom uso da derrisão. In: GREGOLIN, M. R. *Mídia & política: a cultura como espetáculo*. São Carlos: Claraluz Editora, 2002 (no prelo).

CERTEAU, Michel de. *L'absent de l'histoire*. Paris: Mame, 1973.

COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político In: GREGOLIN, M. R. *Mídia & política: a cultura como espetáculo*. São Carlos: Claraluz Editora, 2002 (no prelo).

_____. Análise do discurso político: a propósito do discurso comunista dirigido aos cristãos. *Revista Langages* 62. 1981. (Tradução provisória de Sírio Possenti, circulação restrita).

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 2. ed. *Móbilis in móbile*, Lisboa, Portugal, 1991.

DIÁRIO DE CUIABÁ. Cuiabá, edição de 30 de outubro de 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *A arqueologia do saber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. O espelho dos príncipes. In: *Revista Eletrônica Trópico*, 2002.

GADET, F. ; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: editora da Unicamp, 1993.

HOUBEDINE, J-L. Quelques questions d'aujourd'hui à propos de la phrase démocratique. In: *Psychanalyse ey Sémiotique, Itália. Actes du colloque de Milan*, Milan: 1974. p.

LANDOWSKY, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MALDIDIER, Denise. *L'inquietude du discours: textes de Michel Pêcheux*. Editions des Cendres, 1990. (Tradução provisória de Maria do Rosário Gregolin, circulação restrita).

MARIANI, B. S. C. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922 – 1989*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.

PÊCHEUX, Michel. *Delimitações, inversões e deslocamentos*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos da Unicamp*, 1982.

_____. *Leitura e memória: projeto de pesquisa*. In: MALDIDIER, Denise. *L'inquietude du discours: textes de Michel Pêcheux*. Editions des Cendres, 1990. (Tradução provisória Maria do Rosário Gregolin, circulação restrita).

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, ENI. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

RANCIÈRE, Jacques. *As novas razões da mentira*. In: *Caderno MAIS*, Folha de S. Paulo, 29 de agosto de 2004.